

Specimen

Inhalt / Contents / Sommaire

Aufsätze / Articles

- Stella Merlin:
Anaphora, deixis, and word order.
Syntactic patterns and constraints in Ancient Greek grammatical theory 1
- Carmen Quijada Van den Berghe:
La doctrina de Bonifacio Sotos Ochando sobre la enseñanza de la
pronunciación española en Francia durante el primer tercio del siglo XIX 21
- Esteban Lidgett:
Caracterizaciones de la oración en la gramática escolar argentina (1863–1922) 43
- Marta Sánchez-Saus Laserna:
Los orígenes de la disponibilidad léxica.
El *Français Fondamental* — antecedentes, elaboración y recepción 73
- Carlos Assunção, Carla Araújo:
Para uma história da Semântica Lexical — o olhar de Geeraerts 101
- Alfonso Zamorano Aguilar:
Series textuales, edición de textos y gramaticografía.
Teoría, aplicación, constantes y variables 115

Diskussion / Discussion / Débat

- Doyle Calhoun:
What gets lost in the digital (re-)presentation of older linguistic texts?
Digital editions, manuscript reality, and lessons from the digital humanities
for the history of linguistics..... 137

Kurzrezensionen / Short Reviews / Notes de lecture 167

ISSN 0939–2815

Specimen

Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft



27.1 (2017)

Specimen

Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft

Begründet von
Klaus D. Dutz & Peter Schmitter

Herausgegeben von
Gerda Haßler (Potsdam)
Angelika Rüter (Münster)

in Verbindung mit

David Cram (Oxford), Miguel Ángel Esparza Torres (Madrid),
Stefano Gensini (Rom), Ludger Kaczmarek (Borgholzhausen),
Masataka Miyawaki (Kawasaki), Jan Noordegraaf (Amsterdam),
Jacques-Philippe Saint-Gérand (Clermont-Ferrand)

Die *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* sind zugleich Organ der Gesellschaften “Studienkreis ‘Geschichte der Sprachwissenschaft’” und “Werkverband ‘Geschiedenis van de Taalkunde’”.

Veröffentlicht werden nur Originalbeiträge. Für unverlangt eingesandte Manuskripte wird keine Haftung übernommen. Die Verfasser tragen für ihre Beiträge die Verantwortung.

© 2017 Nodus Publikationen. — Die in dieser Zeitschrift veröffentlichten Artikel sind urheberrechtlich geschützt. Nachdruck oder Vervielfältigung, auch auszugsweise, verboten.

Gedruckt auf chlor- und säurefreiem, alterungsbeständigem Papier.
Printed in Germany.

ISSN 0939–2815

Specimen

Carlos Assunção, Carla Araújo

Para uma história da Semântica Lexical — o olhar de Geeraerts

ABSTRACT

As a discipline of linguistics that deals with the study of the meaning of linguistic expressions and the relationships of meanings that these expressions celebrate amongst each other and with the world, in recent decades Semantics has received profound reflections that have contributed greatly to its advancement as a linguistic science, especially of the field of Lexical Semantics, which is the scope of this work. With reference to Geeraerts' (2010) perspective, we will seek to undertake a brief diachronic route, highlighting references to different perspectives of Lexical Semantics while focusing on a cognitive perspective, from the 1970s until the end of the first decade of the 21st century.

Introdução

O significado das palavras, das frases e dos textos constitui o objeto de estudo da Semântica, enquanto disciplina da linguística que se ocupa do estudo do significado das expressões linguísticas, assim como das relações de significado que essas expressões celebram entre si e com o mundo.

A semântica tem sido dividida em três planos (Mateus/Villalva 2007: 69–70): a semântica frásica, que se centra nos aspetos do significado das orações integradas num enunciado, podendo ser compreendidas como proposições lógicas constituídas pelo predicado e seus argumentos, a semântica de texto, que analisa as funções temáticas desempenhadas por elementos da frase, e a semântica lexical, que se relaciona com o léxico, tratando da significação das palavras e das relações semânticas que se estabelecem entre as unidades lexicais.

No sentido de investigar as propriedades léxico-semânticas inerentes à complexidade do léxico, a Semântica Lexical, na perspectiva generativa, estuda os vários aspetos que revelam as distintas e complementares vertentes do léxico, como refere Rodrigues.

Das várias estruturas que Jackendoff (2002) aponta dentro da semântica de um item lexical, das quais destacamos as noções de estrutura argumental, estrutura de

qualia (Pustejovsky 1995: 76–81; 85–104), estrutura espacial (Jackendoff 2002: 346 e 1996), estrutura conceptual, estrutura «dot» (Pustejovsky 1995: 90–95), estrutura em «cluster», aquilo que resulta saliente é a conceção não concatenatória de traços semânticos para a obtenção do significado, a rejeição das condições necessárias e suficientes da semântica tradicional, ou, em suma, a conceção de que a composicionalidade semântica se encontra estruturada em tessituras complexas, com uma organização própria. Na esteira de Pustejovsky (1995), a semântica lexical não pode ser descrita satisfatoriamente através da enumeração de um número finito de traços sem uma rede de conexões complexa. (Rodrigues 2008: 11–12)

Tais investigações têm sido, por sua vez, objeto de estudos de múltiplos domínios, desde a(s) Linguística(s), às Ciências Cognitivas e ao Processamento Automático das Línguas Naturais, o que tem sido teorizado por Silva (2010: 52–53), quando considera que

a Semântica Cognitiva terá que integrar mais sistematicamente a situacionalidade sócio-cultural do significado e metodologias de *corpus* quantitativas e multivariacionais. Afinal, as perspectivas cognitiva, social e empírica têm de deixar de ser inimigas íntimas para se tornarem companheiras de armas.

O escopo central deste trabalho assenta na leitura da obra de Geeraerts (2010), destacando as referências a diferentes perspetivas da Semântica Lexical, desde a década de setenta, na procura do interesse por um objeto comum, que é a relação estabelecida entre a língua e a representação mental da mesma.

Percurso histórico da Semântica Lexical visto por Geeraerts

Émile Benveniste, apresentando os aspetos que caracterizam a enunciação, considera que enunciar é significar: «Avant toute chose, le langage signifie, tel est son caractère primordial, sa vocation originelle qui transcende et explique toutes les fonctions qu'il assure le milieu humain» (Benveniste 1974: 217). Por isso, a significação deveria ocupar um lugar proeminente no âmbito do estudo dos processos linguísticos que envolvem a manifestação da atividade da linguagem nas diversas línguas naturais. No entanto, a implementação da significação como objeto de análise não se tem revelado incontestável na história da relação entre pensamento e linguagem. Segundo Tamba-Mecz,

on s'aperçoit que, du sens perçu comme une évidence au sens conçu comme un objet linguistique, il y a un véritable saut conceptuel, signalant une rupture plutôt qu'une évolution épistémologique. Il est d'ailleurs possible de dater avec précision ce tournant crucial dans l'histoire des relations entre pensée et langage: il coïncide avec l'initiative, timide sans doute mais néanmoins révolutionnaire, de Michel Bréal de considérer le sens, au même titre que les formes sonores, comme une composante spécifiquement linguistique. (Tamba-Mecz 1991: 3)

Enquanto sub-domínio da Semântica, a Semântica lexical é indissociável do estudo da significação produzida e reproduzida no e através do ato de enuncia-

ção. Nesse sentido, o objeto de análise da semântica adquire assim uma nova vertente, deslocando-se do significado da unidade lexical para a significação do enunciado, numa perspetiva dinâmica de construção / reconstrução (Campos 2001: 164). É claro que isto vale para a semântica lexical de natureza estruturalista. Já por exemplo a semântica lexical de orientação cognitivista (semântica lexical cognitiva) desenvolve uma análise semântico-lexical inteiramente contextualizada no enunciado, como “modelo centrado no uso” que a Linguística Cognitiva é.

A obra *The structure of a semantic theory*,¹ de Jerrold J. Katz e Jerry A. Fodor, de 1963, é um marco na história da semântica lexical, não porque apresente um paradigma de descrição que é, atualmente, ainda bastante utilizado, mas porque o debate que gerou, no início de 1960, até meados da década de 1970, desempenhou um papel fulcral no desenvolvimento de semântica lexical.

Em suma, o modelo de Katz e Fodor constitui como que uma combinação de um método de análise estruturalista, um sistema formalista de descrição e uma conceção mentalista de significado. Os autores conferem uma atenção explícita à descrição do significado, no âmbito de uma gramática formal, e revelam um interesse renovado na realidade psicológica do significado. Esta abordagem não só desempenha um papel importante no desenvolvimento da semântica lexical, em particular, mas também da semântica linguística, em geral. Na mesma linha de pensamento, os autores levantam novas questões a respeito dos métodos formais e preconizam novos critérios de adequação para a descrição do significado.

Na sequência dos estudos de Katz e Fodor, surge a Semântica Generativa, que reúne princípios do método estrutural, a análise componencial, com princípios característicos dos procedimentos gerativos: a procura de um sistema formal de descrição, assim como uma concepção mentalista do significado.

A importância que a corrente generativa atribui à descrição do conhecimento semântico da língua remete para a distinção entre o conhecimento semântico e o conhecimento enciclopédico, isto é, entre o significado linguístico e a cognição. Katz e Fodor, através da distinção que operam entre frases analíticas e frases sintéticas, pretendem efetuar essa distinção, no entanto, dada a difícil tarefa de determinar o caráter analítico e o caráter sintético, a teoria tem uma base de fundamentação pouco sustentada. Essa tentativa de distinção entre o conhecimento semântico e o conhecimento e a dificuldade em proceder à respetiva delimitação constata-se também pelos obstáculos encontrados na distinção entre *markers* (a vertente sistemática do significado do item) e *distinguishers* (a vertente idiossincrática do significado).

1) Para uma visão detalhada, veja-se Katz/Fodor (1963).

Geeraerts (2010: 101–117) analisa os pressupostos teóricos de Katz e Fodor e considera que o paradigma de Katz e Fodor se centra em duas partes semânticas: a vertente sistemática do significado do item (*markers*) e a vertente idiosincrática do significado (*distinguishers*).

Other problems surface when we consider the distinction between markers and distinguishers. This is probably the aspect of the original Katz and Fodor theory which was criticized most sharply, and Katz manifested considerable flexibility in the reinterpretation of his original views. As we mentioned, distinguishers were originally characterized by the fact that they represent the idiosyncratic meaning aspects of a word, whereas markers are supposed to account for the systematic relations between the lexical items of a language. (Geeraerts 2010: 112)

Katz e Fodor procuram descrever a capacidade do sujeito para interpretar frases. Eles reconhecem que o ato de interpretação envolve toda a extensão do conhecimento do indivíduo, incluindo o seu conhecimento do mundo e não apenas o seu conhecimento da língua. Ao mesmo tempo, o foco da linguística deve ser o do conhecimento da língua, não o conhecimento do mundo. Por isso, torna-se necessário um limite para o alcance de uma teoria semântica.

Uma vez que parte de uma tradição generativa, o paradigma de Katz e Fodor procura descrever a forma como os significados são interpretados, partindo de regras de projeção que possibilitam a combinação entre componentes dos itens lexicais, no sentido de desambiguar os respetivos significados. Geeraerts (2010: 103–104) aprecia o modelo desta forma:

In Katz and Fodor's model, the formal mechanism behind the exclusion of semantic anomalies consists of so-called projection rules. Projection rules are responsible for the combination of the lexical meanings of individual words in a sentence into constituent meanings, and the combination of the latter into a representation of the sentential meaning. In a constituent like *the old bachelor*, the individual semantic representations of *the*, *old*, and *bachelor* are amalgamated into a meaning representation of the noun phrase *the old bachelor*. If *bachelor* is interpreted in the 'shield-bearer, armiger'-sense, the meaning representation of *the old bachelor* features the simultaneous occurrence of (Old) and (Young), and this has to be rejected as anomalous. If *bachelor*, on the other hand, is given the 'unmarried' reading or the 'holder of a certain academic degree' reading, no anomaly emerges. Of course, this only works if the formal grammar 'knows' that (Old) and (Young) are mutually exclusive, but here another aspect of lexical semantics plays a role: 'old' and 'young' form an antonymous pair (an 'antonymous n-tuple' in the terminology of Katzian semantics), and this antonymous relationship accounts for the noncombinability. Note further that projection rules underlie the operation of selection restrictions: when amalgamating subject and verb, the grammar checks whether the overall meaning interpretation, resulting from the projection rules, conforms to the constraints imposed by the selection restrictions.

Para Geeraerts, a perspetiva apresentada por Katz (1972)² relaciona-se com o paradigma estrutural, não só devido à metodologia da descrição componencial,

mas também devido aos aspetos teóricos anteriormente analisados pelo estruturalismo. Há de facto vários aspetos comuns entre a Semântica Estrutural e a Semântica Generativa: princípios epistemológicos, concepções de linguagem, etc. Ambas postulam a autonomia da linguagem, a separação entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, a preferência pelo sistema em detrimento do uso, etc. A tudo isto se opõe a Linguística Cognitiva. Na história da Semântica Lexical, a Linguística Generativa (ou Semântica Generativa) representa uma reafirmação/valorização da Semântica Estrutural ao afirmar-se como grande paradigma e ao partilhar aspetos da concepção de linguagem.

O carácter formal dos pressupostos deste paradigma visa não só delimitar as propriedades e as relações semânticas ao nível sintagmático e ao nível paradigmático, mas também demonstrar de que forma elas decorrem automaticamente dessa base formal de representação componencial do significado e da ação de regras de projeção.

Katz e Fodor, influenciados pelo modelo da competência linguística de Chomsky, inserem um elemento psicológico na semântica da linguagem natural. O objeto de investigação não é principalmente identificado como "a estrutura da linguagem", mas como a descrição da capacidade do indivíduo para interpretar frases. Em vez de pensar a linguagem como algo que existe enquanto tal, como um sistema que pode ser estudado para além das pessoas que o utilizam, a língua adquire uma interpretação mentalista. Estes pressupostos conduzirão a um novo desenvolvimento da semântica lexical. Neste sentido, Geeraerts (2010: 106) afirma que:

Katzian semantics epitomizes structuralist semantics by maximally taking into account the various structuralist phenomena [...] by introducing a highly formalized description, and by giving lexical semantics a mentalist twist. Further developments in lexical semantics may now be linked to these two added features. For each of them, questions arise with regard to the adequacy of the Katzian proposals. As we will see presently, these questions lead to forms of description that differ considerably from the original Katz and Fodor model. (Geeraerts 2010: 106)

O princípio generativo principal que caracteriza a sintaxe como a essência genética da linguagem retira importância ao papel desempenhado pelo significado na gramática. Por conseguinte, no modelo generativo, o próprio papel da semântica é também muito questionado. A Semântica Generativa permite projetar numa escala maior de afirmação os resultados da Semântica Estrutural por herdar várias coisas da Semântica Estrutural: análise componencial, relações semânticas paradigmáticas e sintagmáticas, etc. No entanto, há razões suficientes para distinguir entre Semântica Generativa e Semântica Estrutural: a vertente mentalista daquela e não desta.

2) Para uma visão detalhada, veja-se (Geeraerts 2010: 104) e Katz (1972).

No entanto, Geeraerts realça que as questões levantadas pela semântica generativa constituem um contributo de grande relevo para o aparecimento dos paradigmas posteriores. É a própria natureza da Linguística Generativa em geral e da Semântica Generativa em particular que abre caminho para dois grandes desenvolvimentos em Semântica: (i) a formalização procurada pelo paradigma generativo (paradigma formalista) abre caminho à Semântica Formal e à Semântica Neo-Estrutural e Neo-Generativa; (ii) o mentalismo típico da Linguística Generativa abre caminho para novos paradigmas:

Generativist semantics combined basic descriptive principles of structuralist descent with two novel (or at least relatively novel) features: a renewed interest in the mental reality of those descriptions, and the incorporation of the description of word meaning into a formal grammar. Both features engendered debate. In the first place, if you try to see linguistic meaning in the context of human cognition, how restrictive should your linguistic analysis be? Would you still believe in the structuralist assumption of a strictly and particularly 'linguistic' type of meaning, distinct from world knowledge, or would you opt for a rich meaning description in which the borderline between both types of meaning would be blurred, if not abolished altogether? In the second place, if you are interested in formalization, what would your formalization look like and how will you judge its adequacy? We can get a fairly good grip on the developments in linguistic semantics after the generativist period if we see them as specific answers to these questions. This is not to say that the later developments always start out from a direct discussion of the generativist framework, but it should certainly be recognized that a double inspiration emerged from the incorporation of semantics into generative grammar: to deal with issues of cognitive adequacy, and to deal with issues of formal adequacy.

(Geeraerts 2010: 117)

Geeraerts (2010: 124–181) analisa as perspetivas semântico-lexicais que ele designa como Neo-Estruturais. Estas teorias neo-estruturais representam uma continuação das abordagens estruturalistas, centrando-se na formalização e na diferenciação do conhecimento linguístico e da cognição. Por isso, as mesmas, de modo direto ou indireto, constituem um prolongamento das abordagens estruturalistas e absorvem também princípios da semântica generativa:

[...] those approaches that do not take such a radical step, but that directly or indirectly continue ideas set out by structuralism against the background of the concerns issuing from generativist semantics: the demarcation of linguistic knowledge with regard to cognition in the broader sense, and the possibility of formalizing linguistic meaning.

(Geeraerts 2010: 124)

O autor delimita as teorias neo-estruturais em dois conjuntos. O primeiro conjunto caracteriza-se pelo pendor de orientação composicional, cujo objetivo consiste em efetuar uma separação entre o conhecimento linguístico e a cognição, prestando atenção à interação entre o léxico e a cognição.

Relativamente ao primeiro conjunto, Geeraerts (2010) refere a teoria da Metalinguagem da Semântica Natural, de Wierzbicka (1985):

A first group of approaches has a componential orientation. Wierzbicka's Natural Semantic Metalanguage paradigm is an alternative for the classical componential approach: it abandons the idea that meaning components derive from distinctive oppositions within a lexical field, but rather assumes that there exists a universal set of semantic primitives that may be discovered by defining words through a process of reductive paraphrase.

(Geeraerts 2010: 124)

Neste primeiro grupo, Geeraerts (2010) enquadra também os modelos diretamente relacionados com o generativismo, tais como a Semântica Conceitual, de Jackendoff, a Semântica de Dois Níveis, de Bierwisch e o Léxico Generativo, de Pustejovsky.

Na perspetiva de Geeraerts, as teorias que assentam na metodologia composicional possuem uma visão reducionista, uma vez que procuram um nível realmente linguístico de descrição, reduzindo a descrição semântica a um feixe de componentes de significado primitivos:

a decompositional method has a reductionist tendency: it reduces the semantic description to a set of primitive meaning components, and looks for a truly linguistic level of description, contrasting with an encyclopedic level.

(Geeraerts 2010: 126)

Enquanto exemplo do primeiro conjunto de teorias neo-estruturais, a teoria da Metalinguagem da Semântica Natural, de Wierzbicka (1985), fundamenta-se em dois postulados. Por um lado, o postulado dos conceitos primitivos universais, que são lexicalizados de modo universal, e o postulado das paráfrases reductoras, que consistem em definições representadas com o vocabulário dos conceitos primitivos: «Wierzbicka's model of semantic description rests on two pillars, in fact: the vocabulary of universal, primitive concepts, and a definitional practice characterized as 'reductive paraphrase'» (Geeraerts 2010: 128).

Para Geeraerts, não existe um método bem definido para avaliar a universalidade dos conceitos e a sua lexicalização universal não é demonstrada. O autor analisa também o «problema da conexão referencial», pois esta teoria não tem uma base de fundamentação relativamente ao modo de os conceitos se ligarem à realidade extra-linguística. A esse propósito, transcrevemos a crítica de Geeraerts:

Clearly, then, the methodological basis for identifying semantic primitives is not yet as firm as the Natural Semantic Metalanguage approach would have it. But couldn't the proponents reply that a set of primitive concepts is epistemologically necessary in any case, and that they are at least close to defining such a set—even if they have not yet reached a final conclusion? The appeal of non-circular definitions seems to be that they might explain how the gap between linguistic meaning and extralinguistic reality is bridged: if determining whether a concept A applies to thing B entails checking whether the features that make up the definition of A apply to B as an extralinguistic entity, words are related to the world through the intermediary of primitive features. But obviously, this does not explain how the

basic features themselves bridge the gap: the 'referential connection' problem for words remains unsolved as long as it is not solved for the primitives. And we do want to solve it, because we do not want to claim that language exists in an idealistic mental realm of its own, isolated from the sensory world. So, if we think about how primitive concepts might link to the extralinguistic world, we would probably think about a direct or indirect connection between those concepts and sensorimotor experiences. For a primitive like *touch*, this would be fairly straightforward, but the others too could not just remain concepts: they would have to be defined as sensorimotor experiences, lest we accept an idealistically isolated realm of language, cut off from the extralinguistic world.

But if the 'referential connection' problem could be solved for primitive features, the same solution might very well be applicable to words as a whole.

(Geeraerts 2010: 134)

Relativamente à Semântica de Dois Níveis, Geeraerts (2010: 142–147) refere que este paradigma releva a flexibilidade contextual do significado, no entanto, não considera essa flexibilidade no nível de descrição semântico, pois perspetiva um nível linguístico, de definições semânticas únicas, por um lado, e um nível contextual, em que os aspetos contextuais originam produções do significado único, por outro lado. De facto, este paradigma, partindo de uma perspetiva modular de cognição, pretende conceber um modelo para a interação do conhecimento linguístico e o conhecimento do mundo num contexto real de uso:

It provides a model for the interaction of word knowledge and world knowledge in actual contexts of use. The two-level approach (or Zwei-Ebenen-Semantik), like Conceptual Semantics, takes a modular view of cognition. Cognitive behavior is determined by the interaction of systems and subsystems that operate as largely autonomous modules of the mind. In particular, polysemy in natural language may be adequately described by distinguishing between two levels of knowledge representation: semantic form and conceptual structure.

(Geeraerts 2010: 143)

Geeraerts considera que o modelo é criticável, devido ao facto de elaborar definições por vezes abstratas e reduzidas e igualmente devido a alguns métodos de contextualização não serem percebidos sem recorrer à referência do conhecimento enciclopédico. Geeraerts (2010: 146) destaca também a dificuldade que a mudança linguística oferece a este modelo, uma vez que o mesmo assenta numa rígida divisão entre o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico. Nesse sentido, o autor considera que o facto de se reconhecer que uma determinada interpretação pode ser obtida contextualmente não invalida que a mesma também transfira vestígios, ainda que fracos, no inventário guardado dos itens; senão, o inventário nunca mudaria. Segundo o autor,

[the] difficulty involves language change. A parsimonious approach makes a distinction between semantic information that is stored in the (mental)lexicon and readings that are derived pragmatically, in context. It would seem that imposing

such a distinction saves the stored lexicon (which is also the one that linguists tend to focus on) from becoming cluttered and fuzzy: what can be derived need not be listed, and the stored meanings themselves can be kept simple. [...] Language change, in other words, blurs the distinction between the two levels. The recognition that a certain interpretation can be reached contextually does not exclude that it will also have to leave a trace, however weak, in the stored inventory of items; if not, the inventory would never change.

(Geeraerts 2010: 146)

No segundo conjunto, o autor coloca o projeto da WordNet, a teoria Sentido-Texto, de Mel'čuk (1984), e a análise distribucional de corpora.

In the second group, both the WordNet project and Mel'čuk's lexical functions paradigm are developments of relational semantics. WordNet is a large-scale documentation of lexical relations, and Mel'čuk makes use of a much broader set of lexical relations than the typical collection that we explored earlier. The distributional corpus analysis paradigm also focuses on lexical relations, but on syntagmatic ones rather than the more usual paradigmatic ones. In that sense, it is an alternative implementation of the distributionalist perspective: rather than using relatively simple syntactic patterns to chart the distribution of a word, it employs advanced quantitative techniques to get a grip on the way words pattern in large corpora.

(Geeraerts 2010: 125)

O projeto da WordNet e a teoria Sentido-Texto emitem informação ou formatos de descrição que permitem construir léxicos formalizados, usados nas aplicações computacionais e relativos ao Processamento Simbólico da Linguagem Natural. A análise distribucional estabelece relações com a semântica lexical computacional de pendor estatístico, centrando-se nos modelos retirados de corpora, a partir de análises estatísticas, e relaciona-se com o paradigma de Processamento Estatístico da Linguagem Natural.

A teoria Sentido-Texto, de Mel'čuk (1984), coloca em foco a identificação de um vasto conjunto de relações paradigmáticas que se verificam de forma recorrente, designadas por funções lexicais. As funções lexicais contribuem para a descrição de padrões léxico-sintáticos e não só descrevem relações semânticas paradigmáticas estabelecidas entre lexemas, como também apresentam restrições de coocorrência sintagmática entre termos. De facto, a aplicação mais famosa desta teoria está patente no Dicionário Explicativo e Combinatório do Francês. Segundo Geeraerts:

From a practical point of view, the Explanatory Combinatorial Dictionary, based on the concept of lexical functions, constitutes a much richer source of information than WordNet, based on the more traditional concept of sense relations. As shown by the first group of functions that we distinguished in the example, the relations that are distinguished by traditional, Lyons-type relational semantics are included in the set of lexical functions. But at the same time, the set of lexical functions is much broader than that. It contains a whole series of paradigmatic relations that are absent from the usual set of semantic relations, and it adds a whole array of syntagmatic relations. Not surprisingly, the concept of an Explanatory Combinato-

rial Dictionary receives considerable attention from lexicographers and computational linguists and lexicographers: see Fontenelle (1997, 1998), Palmer and Polguere (1995), [Alonso] Ramos, Tutin, and Lapalme, (1995) for examples. At the same time, compiling an Explanatory Combinatorial Dictionary according to the principles of the Meaning-Text Theory is a labour-intensive enterprise: the fact that WordNet is used more in computational circles than Mel'čuk-type dictionaries is due to the simple fact that WordNet covers larger vocabularies and many more languages than the Explanatory Combinatorial Dictionary project can offer.

(Geeraerts 2010: 164)

Devido ao facto de esta teoria possuir toda uma sequência de relações paradigmáticas que não estão patentes no conjunto habitual de relações semânticas e conter uma ampla gama de relações sintagmáticas ela é muito profícua. Todavia, esta teoria depara-se com a dificuldade de proceder à demarcação entre os conhecimentos linguísticos e os conhecimentos enciclopédicos, por exemplo, a não inserção da relação parte-todo dentre as funções lexicais, uma vez que o autor considera que a mesma faz parte do nível enciclopédico de descrição, no entanto, na série de relações linguísticas, verifica-se a incorporação de funções passíveis de serem concebíveis como a meronímia.

Podemos concluir que, de uma forma geral, não existe uma única teoria designada como Semântica Lexical, mas diversas “semânticas lexicais” sustentadas em diferentes perspectivas, verificando-se, por parte das mesmas, o interesse por um objeto comum, que é a relação estabelecida entre a língua e a representação mental da mesma. Mas é aqui que reside a diferença de abordagens: a relação entre a língua e a representação mental é procurada apenas por algumas teorias semânticas: as semânticas ditas mentalistas, como a Semântica Generativa (ou neoGenerativa) e a Semântica Cognitiva embora haja diferenças substanciais, algumas das quais já aqui abordamos, enorme entre Semântica Generativa e Semântica Cognitiva.

A Semântica Formal dificilmente consegue responder a questões de Semântica Lexical; ela responde à Semântica Frásica, como aponta Cançado (2013), ao diferenciar a Semântica Formal da Semântica Lexical:

Valendo-me de Chierchia (1990), comecemos pela diferença entre o objeto de estudo da Semântica Formal e da Semântica Lexical. A Semântica Formal, se esse termo é entendido como um tipo de Semântica Referencial, tem como principal foco a investigação da relação da língua com o(s) mundo(s) sobre o qual(is) nós falamos, trata de questões relacionadas ao “mundo público” e vale-se de noções objetivamente não-linguísticas, tais como valores de verdade. Essas teorias referenciais tratam do significado informacional e tem relação com o que Chierchia chama de “aboutness” (‘sobre o que se fala’). Por outro lado, a Semântica Lexical, vista como uma ampla área de investigação, trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante. Teorias que tratam do

significado cognitivo olham para dentro do aparato linguístico do falante e não estão preocupadas com o “mundo público”, que envolve a comunicação linguística.

Levando-se em conta esse pressuposto básico assumido pela chamada Semântica Lexical, devemos chamar atenção que dentro dessa área há vários tipos de fenômenos e abordagens que são estudados. Poderíamos afirmar que são muitas “as semânticas lexicais”.
(Cançado 2013: 126–127)

A propósito das teorias de Semântica Lexical, Geeraerts (2010) considera que o desenvolvimento desta disciplina integra uma dupla progressão. Por um lado, uma ação teórica cíclica de *descontextualização*, que compreende a semântica estrutural e a semântica generativa, e *recontextualização*, que diz respeito à semântica histórico-filológica e à semântica cognitiva. Por outro lado, uma ação linear de *expansão descritiva*, da semasiologia qualitativa para a onomasiologia qualitativa e, a seguir, para os fenômenos quantitativos das vertentes semasiológica e onomasiológica.

Situado no quadro teórico da Linguística Cognitiva e argumentando sobre o caráter conceptual, dinâmico e enciclopédico do significado lexical, partindo da interligação de três perspectivas: o significado na mente, o significado na cultura e o significado na sociedade, Silva (2010) defende que

Enquanto o desenvolvimento teórico da Semântica Lexical envolve mudanças, oposições e até rupturas, o seu desenvolvimento empírico faz-se em termos de alguma complementaridade e acumulação. Efectivamente, a Semântica Cognitiva tem desempenhado um importante papel na recontextualização do léxico e da gramática e na expansão para os aspectos qualitativos dos fenômenos semasiológicos e onomasiológicos. Por outro lado, a perspectiva de estudo do significado com base no uso pode constituir um bom ponto de partida para uma convergência entre a semântica cognitiva e a análise distribucional de *corpus*.
(Silva 2010: 32)

Estipulado isto, torna-se fundamental integrar todas as dimensões sociais do significado lexical, abrangendo a variação lectal, a estereotipicidade e as normas sócio-semânticas. Torna-se também fundamental a adoção de uma metodologia de *corpus* que integre o estudo multivariacional.

É de salientar que Silva (2010: 52–53) considera que

a Semântica Cognitiva oferece hoje um contributo da maior importância para o desenvolvimento da semântica lexical e da lexicologia, justamente porque representa uma forma recontextualizante e maximalista de fazer semântica. Mas para conseguir cumprir integralmente o seu programa, a Semântica Cognitiva terá que integrar mais sistematicamente a situacionalidade sócio-cultural do significado e metodologias de *corpus* quantitativas e multivariacionais. Afinal, as perspectivas cognitiva, social e empírica têm de deixar de ser inimigas íntimas para se tornarem companheiras de armas.

Conclusão

Uma vez que os significados não constituem objetos mentais mas interpretações, à Semântica impõe-se uma metodologia não só não-objetivista ou experiencialista, tal como Lakoff e Johnson (1980) sustentam, mas também hermenêutica como defende Geeraerts (1997). Nesse sentido, a resposta ao constante problema da interpretação (Eco 2004) baseia-se na fundamentação empírica das interpretações das expressões linguísticas na experiência individual, coletiva e histórica, no comportamento dos falantes que as utilizam e na fisiologia do aparato conceptual humano.

Embora exista uma divergência entre o ramo europeu da Semântica Cognitiva, mais simpaticizante da metodologia empírica de corpus, e o ramo americano, mais adepto da metodologia introspectiva, na senda da Gramática Generativa, a Semântica Cognitiva não pode evitar uma metodologia empírica, uma vez que o corpus constitui, nos tempos atuais, o objeto mais natural de observação do uso linguístico. Nesse sentido, o desenvolvimento de métodos quantitativos e multivariacionais constitui também uma precisão para a análise consistente do corpus, assumindo-se a Linguística Cognitiva como um *modelo baseado no uso* (Langacker 2008). Também Silva refere que a “Semântica Cognitiva tem contribuído amplamente para o desenvolvimento da semântica lexical e da lexicologia, uma vez que configura uma forma recontextualizante e maximalista de fazer semântica” (Silva 2010: 52).

Da leitura da obra de Geeraerts (2010), podemos concluir que, de uma forma geral, não é fácil encontrar-se uma única teoria designada como Semântica Lexical, mas diversas “semânticas lexicais” sustentadas em diferentes perspetivas, verificando-se, por parte das mesmas, o interesse por um objeto comum, que é a relação estabelecida entre a língua e a representação mental da mesma, não esquecendo, como acima se referiu, as diferenças entre a Semântica Generativa (ou neoGenerativa) e a Semântica Cognitiva.

A propósito das teorias de Semântica Lexical, Geeraerts (2010) considera que o desenvolvimento desta disciplina integra uma dupla progressão. Por um lado, uma ação teórica cíclica de *descontextualização*, que compreende a semântica estrutural e a semântica generativa, e *recontextualização*, que diz respeito à semântica histórico-filológica e à semântica cognitiva. Por outro lado, uma ação linear de *expansão descritiva*, da semasiologia qualitativa para a onomasiologia qualitativa e, a seguir, para os fenómenos quantitativos das vertentes semasiológica e onomasiológica, o que também é partilhado por Silva (2010).

Em suma, torna-se fundamental integrar todas as dimensões sociais do significado lexical, abrangendo a variação lectal, a estereotipicidade e as normas sócio-semânticas. Torna-se, também, essencial a adoção de uma metodologia de corpus que integre o estudo multivariacional (Silva 2010).

Carlos Assunção

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Letras, Artes e Comunicação
Centro de Estudos em Letras
PT – 5000-911 Vila Real — Portugal
eMail: cassunca@utad.pt

Carla Araújo

Instituto Politécnico de Bragança
Escola Superior de Educação / Departamento de Português
Campus de Santa Apolónia / Apartado: 1
PT – 5301-855 Bragança — Portugal
eMail: carla.araujo@ipb.pt

Referências

- Alonso Ramos, Margarita / Tutin, Agnes / Lapalme, Guy
1995 “Lexical functions of the Explanatory Combinatorial Dictionary for lexicalization in text generation”. *Saint-Dizier/Viegas* (1995: 351-366).
- Benveniste, Émile
1974 *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- Campos, Maria Henriqueta Costa
2001 “Gramática e construção da significação”. *A Linguística na Formação do Professor de Português (Porto 2000)*. Org. por F. I. Fonseca, I. M. Duarte, O. Figueiredo. Porto: CLUP, 163-174.
- Cançado, Márcia
2013 “Semântica Lexical — uma entrevista com Márcia Cançado”. *ReVEL*. 11,20: 126-137. Disponível para descarregar em <http://www.revel.inf.br/files/9413728ff9736a3e2c00b7f18bf7db89.pdf>
- Chierchia, Gennaro
1990 “Anaphora and Dynamic Logic”. *Quantification and Anaphora I*. Ed. by Jeroen Groenendijk, Martin Stokhof. Esprit Basic Research Action 3175, Dyana Deliverable R2.2.A, 177-190.
- Eco, Umberto
2004 *Os limites da Interpretação*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Fontenelle, Thierry
1997 *Turning a Bilingual Dictionary into a Lexical-Semantic Database*. Tübingen: Niemeyer.
- Geeraerts, Dirk
2010 *Theories of Lexical Semantics*. New York: Oxford University Press.

- Jackendoff, Ray
2002 *Foundations of language. Brain, meaning, grammar, evolution.* Oxford: Oxford University Press.
- Katz, Jerrold J.
1972 *Semantic Theory.* New York: Harper & Row.
- Katz, Jerrold J. / Fodor, Jerry Alan
1963 "The structure of semantic theory". *Language.* 39: 170–210.
- Lakoff, George
1987 *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind.* Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George / Johnson, Mark
1980 *Metaphors We Live By.* Chicago: The University of Chicago Press.
- Langacker, Ronald W.
2008 *Cognitive Grammar. A Basic Introduction.* Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, Maria Helena Mira / Villalva, Alina
2007 *Linguística.* Lisboa: Editorial Caminho.
- Mel'čuk, Igor A.
1984 *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques I.* Montréal: Les Presses de L'Université Montréal.
- Mel'čuk Igor A. / Clas, Anrdé / Polguère, Alain
1995 *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire.* Louvain-la-Neuve: Duculot.
- Palma, Martha / Polguère, Alain
1995 "A preliminary lexical and conceptual analysis of *break*: a computational perspective". *Saint-Dizier/Viegas* (1995: 231–250).
- Pustejovsky, James
1995 *The Generative Lexicon.* Cambridge: MIT Press.
- Rodrigues, Alexandra Soares
2008 *Formação de Substantivos Deverbais Sufixados em Português.* München: LINCOM (LINCOM Studies in Romance Linguistics. 57.).
- Saint-Dizier, Patrick / Viegas, Evelyn
1995 *Computational Lexical Semantics.* Ed. by P. Saint-Dizier, E. Viegas. Cambridge: Cambridge University Press
- Silva, Augusto Soares da
2010 *Palavras, significados e conceitos o significado lexical, na mente, na cultura e na sociedade.* Disponível para descarregar em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf>
- Tamba-Mecz, Irène
1991 *La sémantique.* Paris: Presses Universitaires de France.
- Wierzbicka, Anna
1985 *Lexicography and Conceptual Analysis.* Ann Arbor: Karoma Publishers.

Manuskripte und Anfragen erbitten wir an die Redaktion:

Gerda Haßler
Institut für Romanistik
Am Neuen Palais 10 – Haus 19
D–14469 Potsdam
hassler@uni-potsdam.de

Angelika Rüter
c/o Nodus Publikationen
Postfach 5725
D–48031 Münster
dutz.nodus@t-online.de

Oder an:

- David Cram (Jesus College; Oxford, OX1 3DW; U.K.; david.cram@jesus.ox.ac.uk)
- Miguel Ángel Esparza Torres (Universidad Rey Juan Carlos; Campus de Fuenlabrada; Camino del Molino s/n; E–28943 Fuenlabrada, Madrid; maesparza@cct.urjc.es)
- Stefano Gensini (Università degli Studi di Roma "La Sapienza"; Facoltà di Filosofia; Dipartimento di Studi filosofici e epistemologici; Via Carlo Fea 2; I-00161 Roma; stef_gens@libero.it)
- Ludger Kaczmarek (Freistraße 2, D–33 829 Borgholzhausen; l.kaczmarek@t-online.de)
- Masataka Miyawaki (Senshu University; Room #8412; Higashi-Mita 2–1–1; Tama-ku, Kawasaki 214–8580 Japan; miyawaki@isc.senshu-u.ac.jp)
- Jan Noordegraaf (Vrije Universiteit Amsterdam; De Boelelaan 1105; NL–1081 HV Amsterdam; j.noordegraaf@let.vu.nl)
- Jacques-Philippe Saint-Gérard (Université Blaise Pascal; Clermont-Ferrand II; UFR Lettres, Langues, Sciences Humaines; Laboratoire de Recherches sur le Langage 29, boulevard Gergovia; F–63037 Clermont-Ferrand Cédex 1; jacques-philippe.saint-gerard@univ-bpclermont.fr)

Die *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* erscheinen zweimal jährlich mit einem Gesamtumfang von etwa 360 Seiten. Der Abonnementspreis beträgt zur Zeit EUR 81,00; das Einzelheft kostet EUR 45,50 (Luftpostzustellung für Afrika, Amerika, Asien und Australien auf Anfrage).

Mitglieder des *SGdS*, der *Henry Sweet Society* und des *Werkverband* können die *Beiträge* zu einem ermäßigten Sonderpreis beziehen.

Gültige Anzeigenpreisliste: 6/15.

Nodus Publikationen — Wissenschaftlicher Verlag
Münster (Westf.) • Germany
<http://www.nodus-publikationen.de>